

CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS POR PROFESSORES DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS OBRIGATÓRIOS PARA AVALIAR LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Andressa Rodrigues dos Santos, Luana Patrícia Silva de Brito, César Henrique Pinto Moreira,
Wanieverlyn de Lima Silva, Monica Lopes Folela Araújo
Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO: O que moveu a presente pesquisa foi compreender os critérios e instrumentos de coleta de dados que professores de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) utilizam para avaliar os licenciandos em Ciências Biológicas. Fundamentamo-nos na abordagem qualitativo-descritiva e definimos como campo de estudo o curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas de uma universidade pública situada em Recife, Pernambuco. Os dados foram obtidos através dos planos de ensino e das entrevistas de três professoras do ESO. Para o tratamento dos dados, baseamo-nos nos princípios da análise de conteúdo. Os resultados indicam que ainda existem lacunas para o real cumprimento da avaliação dos licenciandos durante a formação profissional pedagógica e apontam para a necessidade de pensarmos na necessária formação dos professores formadores nas universidades.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação, Ciências Biológicas, Estágio Supervisionado Obrigatório, Formação inicial de professores.

OBJETIVOS: Definimos como questão de pesquisa: Como são avaliados os licenciandos em Ciências Biológicas nos Estágios Supervisionados Obrigatórios (ESO)? Desta forma, esta pesquisa teve por objetivo geral compreender os critérios e instrumentos de coleta de dados que professores de ESO utilizam para avaliar os licenciandos em Ciências Biológicas. Para alcançarmos tal objetivo, definimos como objetivos específicos: analisar a relação existente entre os critérios e instrumentos utilizados e identificar o que é feito com os resultados das avaliações.

MARCO TEÓRICO

Na licenciatura, o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) é um componente curricular da formação profissional pedagógica. Com ele, os licenciandos se percebem como futuros professores, enfrentando o desafio de conviver com saberes diferentes de seus campos específicos na escola da educação básica (Pimenta, 2007).

No entanto, apesar do ESO ser *locus* da formação pedagógica, cabe destacar que devido ao fato da avaliação apresentar um forte caráter reprodutivista (Luckesi, 2011), a forma como o professor em formação é avaliado tem reflexos diretos na maneira como ele avaliará seus estudantes, quando tornar-se professor (Imbernón, 2006).

Ao avaliar, o professor precisa atentar para: (1) a coleta de dados relevantes através de instrumentos adequados a fim de descrever o desempenho da aprendizagem dos estudantes; (2) a qualificação destes dados por meio de uma comparação com os critérios de avaliação previamente estabelecidos; e (3) a tomada de decisão, tendo em vista garantir o desenvolvimento do estudante (Luckesi, 2011).

A avaliação pressupõe a utilização de instrumentos de coleta de dados e critérios pré-estabelecidos. Contudo, para o cumprimento real de seu papel é primordial que ambos possuam uma relação estrita entre si. Os instrumentos são definidos com base nos critérios que o professor julga importantes de serem considerados na avaliação (Coutinho, 2016). Seminários, provas, testes, relatórios, portfólios, estudos dirigidos, debates, entre outros, são exemplos de instrumentos que podem ser utilizados para proceder à avaliação. Não há instrumento melhor do que outro. Todos eles são úteis. O que se recomenda é diversificá-los para que mais informações sejam coletadas a respeito da aprendizagem.

METODOLOGIA

Esta pesquisa encontra-se ancorada na abordagem qualitativo-descritiva (Oliveira, 2014; Gil, 2008), tendo por base que os objetivos apresentados requerem uma descrição da realidade pesquisada para melhor compreendê-la.

Considerando as nossas vivências no âmago do ensino público federal na formação de professores de Biologia, definimos como campo de estudo o curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas de uma universidade pública federal localizada em Recife. A escolha ocorreu devido à necessidade de mapear, neste curso, as práticas avaliativas desenvolvidas nos ESO que, atualmente, são ofertados a partir do início da segunda metade do curso, enquanto componentes curriculares da formação profissional pedagógica, através de quatro fases: ESO I (60 horas/aula), ESO II (60 horas/aula), ESO III (60 horas/aula) e ESO IV (120 horas/aula).

A pesquisa foi desenvolvida junto a três professoras que atuam com os ESO, as quais identificamos com os seguintes nomes fictícios: Ana, Beatriz e Carol. Para tanto, esclarecemos os objetivos e as etapas da investigação à representante da coordenação do referido curso e às docentes. Após a assinatura das autorizações por meio do termo de consentimento livre e esclarecido, coletamos as informações para a caracterização dos atores sociais quanto à formação e suas experiências na docência (Tabela 1).

Tabela 1.
Caracterização dos atores sociais

PROFESSORAS	ESO QUE MINISTRA	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR	TEMPO DE ATUAÇÃO COM ESO
Ana	ESO I ESO II ESO IV	Bacharelado em Farmácia e Bioquímica Clínica, Licenciatura Plena em Ensino de Ciências, Mestrado em Educação, Doutorado em Sociologia Educacional.	39 anos	9 anos
Beatriz	ESOI	Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Matemática, Especialização em Gestão Ambiental, Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática.	5 anos	3 anos
Carol	ESO III	Bacharelado em Biologia Animal, Licenciatura em Ciências Biológicas, Mestrado em Ensino de Ciências, Doutorado em Educação.	14 anos	14 anos

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados os planos de ensino e a entrevista semiestruturada. Quanto aos planos de ensino, realizamos a análise documental nas partes do documento que sinalizavam o processo avaliativo da aprendizagem dos licenciandos. Em relação às entrevistas, seguimos um roteiro de perguntas previamente estabelecido, mas que permitia a flexibilidade para incorporar novos questionamentos, quando pertinente. O roteiro continha as seguintes perguntas: Quais instrumentos você utiliza para avaliar? Você estabelece critérios para cada instrumento? Os critérios ficam claros para os licenciandos? O que é feito com os resultados obtidos através dos instrumentos? As entrevistas foram gravadas e os áudios transcritos posteriormente para análise.

O tratamento dos dados foi fundamentado nos princípios da análise de conteúdo segundo Bardin (2009).

RESULTADOS

A partir da análise realizada no plano de ensino da professora Ana, verificamos que o instrumento escolhido para proceder à avaliação foi apenas o relatório, o que denota uma baixa diversidade. Na entrevista, foi relatado que o instrumento utilizado seria “(...) a observação, participação em sala de aula, o quanto ele (licenciando) é capaz de avançar no seu campo de estágio, a visão crítica que ele desenvolve a partir desse campo (...)”. Com base nisto, inferimos que a professora Ana, equivocadamente, confunde instrumentos com critérios. Isto evidencia a ideia de que alguns professores não sabem o real significado do ato de avaliar, nem tampouco sobre a importância da escolha dos instrumentos e da relação destes com os critérios.

Segundo a descrição contida no plano de ensino, os critérios adotados foram: as presenças nas aulas, participação na escola campo de estágio e nos trabalhos individuais, bem como a participação, produção e aplicação dos conteúdos estudados. Na entrevista, quando foi perguntado sobre os critérios utilizados e se eles ficam claros para os licenciandos, a professora disse: “(...) Costumeiramente, eu estabeleço estes critérios com os alunos logo no início da disciplina (...)”. Mesmo afirmando que os licenciandos são informados sobre os critérios de avaliação desde o início da disciplina, tais critérios não apresentam uma relação coerente com o instrumento escolhido. Portanto, existe uma fragilidade em relação à clareza dos critérios de avaliação elencados pela professora Ana.

Quanto aos resultados das avaliações, no plano de ensino não há informações a respeito do que é feito com eles. Entretanto, na entrevista foi dito que se faz “(...) uma correção coletiva. Na qual eles têm a chance de ver o que poderiam ou não ter sido feito, não somente o licenciando, mas os colegas

como um todo (...). Em tal processo avaliativo, não é dada aos licenciandos a oportunidade para a construção do conhecimento a partir dos erros, mas apenas a reversão dos dados em notas.

Por outro lado, identificamos a escolha de dois instrumentos no plano de ensino da professora Beatriz, quais sejam: a elaboração do projeto didático e a produção de artigo. Na entrevista, foi relatado que:

(...) o que vai nortear os instrumentos que vão ser escolhidos é o ESO que vai ser desenvolvido. No ESO II (por exemplo), a gente usou o diário de leitura, o portfólio com os resultados das observações, seminários e os planos de aulas.

Nesse caso, a prática avaliativa se fundamenta a partir de uma alta diversidade de instrumentos que são escolhidos conforme o planejamento de ensino do estágio ministrado.

Em relação aos critérios de avaliação, tanto no plano de ensino como na entrevista foi constatado o seguinte: participação em aula, efetivo cumprimento das atividades propostas (individuais e em grupo) e do estágio obrigatório, uso de técnicas de coleta de dados, elaboração e execução do projeto, escrita do artigo, atitudes crítico-reflexivas, éticas, disponibilidade para o trabalho em grupo, criatividade, capacidade de liderança, organização e responsabilidade. Contudo, não foram apontadas as suas relações com os instrumentos.

Quanto à clareza dos critérios, foi dito o seguinte:

(...) na minha primeira aula eu costumo dizer o que vai ser feito e já disponibilizo o plano onde digo quais vão ser os critérios, os instrumentos de avaliação (...) estabeleço os critérios de: criatividade, trabalho coletivo, critérios de ética (...).

Quanto ao que é feito com os resultados das avaliações, foi relatado o seguinte na entrevista: “a utilidade deles é repensar a minha prática, além de fazer a avaliação do estudante (...). A experiência que eu vivi agora me faz ter certeza da necessidade de repensar como fazer ou como organizar (...)”. Dessa maneira, a avaliação não dimensiona apenas o que foi construído pelos licenciandos, mas também permite reajustes na prática pedagógica para tomadas de decisão. Isso significa que a professora Beatriz revê seu planejamento e estratégias a fim de buscar melhores resultados para o processo de ensino-aprendizagem.

Na análise realizada no plano de ensino da professora Carol, foi identificada uma alta diversidade de instrumentos, conferindo uma prática avaliativa que visa à coleta de diversas informações sobre a aprendizagem. Foi verificada também uma relação coerente entre os instrumentos e os critérios de avaliação, conforme explicitado na tabela 2.

Tabela 2.
Instrumentos e critérios elencados no plano de ensino da professora Carol

PLANO DE ENSINO	
INSTRUMENTOS	CRITÉRIOS
Relatório	Descrição das atividades e reflexão, discussão com autores trabalhados na disciplina, qualidade textual (introdução, desenvolvimento e considerações finais).
Planos de aula	Tema, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, objetivos, metodologia, avaliação e referências, coerência interna.
Aulas simuladas	Postura didática, uso de recursos didáticos, discurso coerente, qualidade das atividades propostas.
Prova	Respostas claras e objetivas, fundamentadas nos textos estudados da disciplina.

A entrevista reforça exatamente os instrumentos elencados no plano de ensino, vejamos o que disse a professora Carol:

(...) os instrumentos que eu utilizo são, mais uma vez, a prova, e, antes deles estarem liberados para regência, fazem pra mim o que eu chamo de aula simulada, (...) é o momento de afinar um pouco, antes de ele ir pra lá [...] E, depois da vivência do estágio, eles retornam também, e eles apresentam um relatório, que também é instrumento.

Em relação à clareza dos critérios, foi relatado que:

(...) no primeiro dia de aula entrego o plano de ensino, e, uma das coisas que eu coloco lá é, quais vão ser os instrumentos avaliativos e quais vão ser os critérios (...) é como se a gente fizesse um contrato didático, (...).

Portanto, a professora Carol afirma que deixa claro desde no início das aulas quais serão seus critérios de referência para a avaliação da aprendizagem dos licenciandos. Sobre o que é feito com os dados coletados a partir dos instrumentos, a referida professora nos disse que: “esses instrumentos todos voltam para os estudantes (...) eu levo para sala de aula e eles têm a oportunidade de olhar tudo que foi corrigido e de dialogar, um por um (...)”. Foi acrescentado ainda que se “(...) o estudante fez um plano de aula de maneira equivocada, (...) eu devolvo e sento com ele (...), peço que ele faça outro plano e mande para o meu e-mail, ou traga para ele treinar (...)”. Desse modo, a prática avaliativa da professora Carol oportuniza ao licenciando a construção de conhecimentos a partir do diálogo e o erro é visto como uma oportunidade de melhoria.

CONCLUSÕES

Frente ao exposto, verificamos que a professora Ana avalia a aprendizagem dos licenciandos através de um único instrumento: o relatório. Além disso, os critérios de avaliação não são claros o suficiente e não há uma relação coerente entre eles e o instrumento utilizado. Constatamos, ainda, que para esta professora a avaliação não serve como apoio para potencializar o desenvolvimento dos licenciandos. Ou seja, a prática avaliativa da professora Ana carece de fundamentos básicos para ser realizada efetivamente.

Por outro lado, a professora Beatriz realiza a avaliação a partir de uma alta diversidade de instrumentos. Todavia, inexistem relações específicas entre tais instrumentos e os critérios adotados. Para a professora Beatriz, os resultados da avaliação servem como base para que ela avalie também a sua prática pedagógica. Em suma, as decisões tomadas, perante a avaliação, seguem no sentido de buscar as melhorias tanto para o ensino como para a aprendizagem.

Assim como a professora Beatriz, a professora Carol realiza a avaliação, utilizando mais de um instrumento, isto é, relatório, plano de aula, aula simulada e prova. Ademais, podemos mencionar que a prática avaliativa desta professora nos parece ser a mais coerente, visto que para cada instrumento houve uma preocupação em se definir os critérios. Além do mais, com a avaliação, a professora Carol oportuniza que cada licenciando alcance os melhores resultados possíveis, pois os “erros” são a base para o diálogo e para a reconstrução dos conhecimentos relacionados à formação profissional.

De maneira geral, este estudo revelou que ainda existem lacunas para o real cumprimento da avaliação dos licenciandos durante a formação profissional pedagógica no ESO. Nesse sentido, cabe o seguinte questionamento: como formar os professores formadores de professores para que a avaliação seja amplamente discutida nas universidades?

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. (2009). *Análise de conteúdo*. 5a ed. Lisboa: Edições 70.
- COUTINHO, A. S. (2016). *Avaliação na formação inicial de professores de biologia: um estudo no contexto das Práticas como Componentes Curriculares*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Brasil.
- GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6a ed. São Paulo: Atlas.
- IMBERNÓN, F. (2006). *Formação docente e profissional: Formar-se para a mudança*. 6a ed. São Paulo: Cortez.
- LUCKESI, C. C. (2011). *Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições*. São Paulo: Cortez.
- OLIVEIRA, M. M. (2014). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes.
- PIMENTA, S. G. (2007). *O estágio supervisionado na formação de professores: Unindo teoria e prática*. São Paulo: Cortez.